

Perspectiva de novo corte na Selic este ano é pequena

Alta dos juros americanos e pressões inflacionárias reduzem a margem de ação do BC

PRISCILLA MURPHY

A pesar da reação positiva dos mercados brasileiros à cautela do Federal Reserve, que promete reverter gradualmente a política monetária dos Estados Unidos, o aumento dos juros americanos na verdade diminui a margem do governo brasileiro para reduzir a taxa Selic este ano. De fato, mesmo com a queda dos juros futuros no mercado brasileiro logo após o anúncio do Fed, os contratos para janeiro ainda apontam uma taxa de 16,63% ao ano, a menor desde 7 de maio, mas maior que a Selic, atualmente em 16%.

“Anteriormente, eu previa um novo corte de juros no Brasil em agosto”, diz o diretor do MBA da Faculdade de Administração da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), Tharcisio de Souza Santos. “Mas desanimei um pouco quanto à perspectiva de queda. Se houver, agora espero o corte em outubro.”

Além do aumento dos juros americanos, que correspondem à base do custo do dinheiro na maior parte dos mercados, Santos ressalta que há uma pressão inflacionária no Brasil que dificulta novas reduções na Selic. “O relatório de inflação revisou

a previsão para 2004 para 6,4%”, diz o professor. “Além disso, ainda existem ameaças de volatilidade no preço do petróleo no mercado internacional.”

Ontem, os contratos futuros de petróleo subiram 3,90% em Nova York e 4,20% em Londres, depois que relatórios apontaram um declínio nos estoques de petróleo bruto e derivados nos EUA e a Arábia Saudita indicou que não via motivo para alterar seu atual nível de produção. Nos EUA, os contratos de petróleo para agosto fecharam em US\$ 37,05 e, em Londres, a US\$ 34,50 o barril.

O frio, que superou todas as expectativas durante o outono brasileiro, ainda pode trazer mais inflação no curto prazo. “O clima já provocou uma alta nos preços das hortaliças e frutas e o frio ainda pode voltar”, diz. “Além disso, por causa do frio, não haverá liquidação de inverno este ano”, o que aliviava uma inflação tipicamente alta neste período.

Outro fator a pesar sobre a perspectiva de novas reduções da taxa básica de juros no Brasil este ano foi a manutenção da meta de inflação para o ano que vem em 4,5%, na reunião de ontem do Conselho Monetário Nacional. A confirmação da meta frustrou os defensores de uma margem maior para o aumento de preços que abrisse mais espaço para a queda da Selic.

FRIO E
PETRÓLEO
EMPURRAM
PREÇOS